



F E R N A N D O
LOPES-GRAÇA

1906 > 2006 | 100 ANOS DO NASCIMENTO

ARTISTA GENIAL
MAESTRO DE ABRIL

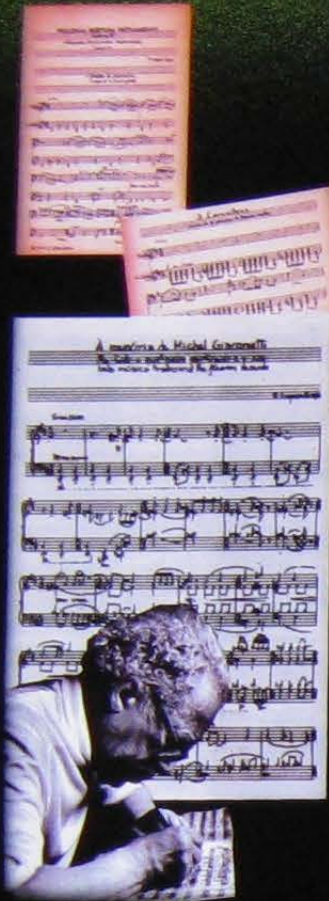
RETRATOS DA HISTÓRIA NA GRANDE MÚSICA SINFÓNICA

Viagem na minha terra, Requiem pelas vítimas do fascismo em Portugal e Em Louvor da Paz - três grandes obras musicais, três exemplos de comprometimento da grande arte com a história, a vida e as aspirações do povo português.

Fernando Lopes-Graça assumiu com a música um compromisso ético de vida no ano de 1944. Compromisso expresso pelo próprio: "A experiência que a vida me ensinou em anos de luta e sofrimento não me convenceu da inutilidade do sonhar generoso da mocidade, nem me pôs na boca daquele travo amargo da desilusão e do cepticismo, fonte de todas as renúncias e de todas as contemporizações. (...) Não me esqueço nem me arrependo daquilo que para nós lhe dava um valor de plenitude e exaltação. (...) O homem ou é ou se dá por inteiro".

AS RAÍZES POPULARES DA IDENTIDADE NACIONAL

A obra musical de Lopes-Graça estende-se pelos mais diversos campos da composição, da peça para piano, passando pela música coral, as mais diversas formações instrumentais até à grande orquestra sinfónica.



Expressão e documento da vida, sentimentos, aspirações e afectos do nosso povo, a canção portuguesa faz parte do património espiritual da nação portuguesa. Mais do que qualquer outra manifestação do nosso temperamento, da nossa cultura ou das nossas capacidades criadoras, ela nos define e integra na nossa realidade psicológica e social. Amá-la, e conhecêmo-nos no que em nós existe de mais fundo e enraizado no solo natal, defendê-la, é defender portanto uma parcela de nós mesmos, da nossa individualidade, da nossa história íntima.

(em Lopes-Graça, Valor estético e significação nacional da canção popular portuguesa)

A arte, toda a arte, tem de ser em primeiro lugar nacional, só depois do que, ou so mediante o que, poderá aspirar à ambicionada, e nem sempre alcançada categoria, universal. Na verdade, como um valor universal não é, nunca foi, uma coisa abstracta, forjada deliberadamente antes de qualquer experiência vivida num dado meio, com as suas determinantes, as suas ideias e as suas aspirações próprias, segue-se muito naturalmente que, antes de ser universal, força é que se seja nacional (não digo nacionalista porque o nacionalismo, quando não é uma caricatura do nacional, é campo de muita e desorientante confusão) e que so o que é profundamente nacional tem probabilidades de obter significação e ressonância universal.

(em Lopes-Graça, Sobre os arranjos corais dos canções folclóricas portuguesas)



A VIDA DE LOPES-GRAÇA

Nascido em Tomar, a 17 de Dezembro de 1906, Fernando Lopes-Graça af iniciou os seus estudos musicais, com 11 anos de idade. Aos 17 anos vai para Lisboa onde começa a frequentar os cursos superiores de Piano do Conservatório Nacional.

No ano seguinte matricula-se no Curso Complementar de Letras do Liceu Passos Manuel.

Tem 19 anos e é ainda estudante quando ocorre o golpe militar de 28 de Maio que impõe a ditadura.

Fernando Lopes-Graça assume desde logo a sua oposição ao regime fascista.

Em 1927 compõe aquela que conservará como sua primeira obra musical: "Variações sobre um tema popular português", para piano, que executará em público, pela primeira vez, no ano seguinte.

Entretanto, funda, em Tomar, o jornal "Acção" e em Lisboa a revista "De Música".

A ARTE, MANIFESTAÇÃO DE CONSCIÊNCIA NACIONAL

Lopes-Graça deu um valioso exemplo de ser artista. Nas suas próprias palavras, de um artista que sem deixar, é certo, de ser homem, e sem separar a sua arte do homem e de tudo quanto ao homem diz respeito ou interessa profundamente: os seus problemas, as suas lutas, o seu destino, a sua condição.

PARA ALÉM DA SUA VASTA OBRA MUSICAL, FERNANDO LOPES-GRAÇA AUTOR DE UMA OBRA LITERÁRIA DE DIMENSÃO CONSIDERÁVEL

A sua obra literária encontra-se reunida em 16 volumes, publicados pelas Edições Cosmos e pela Editorial Caminho.

Num estilo elegante, rico e acutilante, a obra literária de Fernando Lopes-Graça debruça-se em primeiro lugar sobre a música, aqui como investigador, como divulgador, como polemista. Mas nela está também presente a sua actividade cívica e política, as suas preocupações sociais, a sua actividade humanista perante a arte e a vida.

Eu sou um obreiro da minha arte. A inspiração vem trabalhando, isto é, o próprio trabalho nos conduz ao que se chama inspiração. Há ideias que surgem e que são exploradas tecnicamente. O que muitas vezes se julga inspiração é, sim, o resultado de muitas horas, ou meses, de trabalho, perscrutando os segredos da própria obra, corrigindo-a, afeiçoando-a, a uma ideia inicial que se vai desenvolvendo à medida que se vai trabalhando. A primeira palavra é a última e a última é a primeira. Depois há o processo de autocritica. (...) O trabalho é isso: uma autocritica permanente sobre o trabalho que se tem entre mãos.

Entrevista a Lopes-Graça, in Jornal de Artes, Letras e Ideias n.º 22, 1978



PERSEGUIÇÕES POLÍTICAS E REPRESÁLIAS

Pela sua actividade antifascista, Fernando Lopes-Graça é alvo de perseguições e represálias constantes por parte do regime.

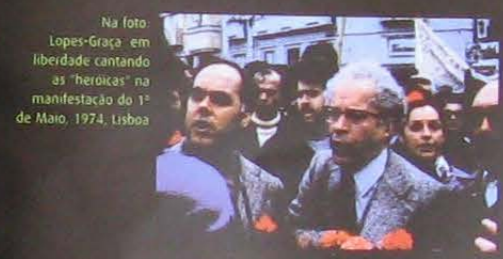
Em 1931, no dia em que conclui, com a mais alta classificação, as provas do concurso para Professor de Solfejo e Piano do Conservatório Nacional, é preso pela polícia política, encerrado no Aljube e desterrado para Alpiarça durante um ano.

O jornal "Acção", de que era director e que fora o pretexto para a sua prisão, é encerrado.

Em 1934 ganha o concurso para uma Bolsa de Estudo em Paris, mas a decisão do júri é anulada por ordem da polícia política. Em Setembro de 1935 é de novo preso por actividades políticas e enviado para o forte de Caxias.

Libertado em Maio de 1937, parte então para Paris, onde para além de uma intensa actividade musical, prossegue a sua oposição ao fascismo. Quando em 1939 tem início a 2ª Guerra Mundial, alista-se no corpo de voluntários dos "Amis de la République Française".

Recusando naturalizar-se francês, vê-se obrigado a regressar a Portugal, em finais de 1939.



Na foto: Lopes-Graça em liberdade cantando as "heróicas" na manifestação do 1º de Maio, 1974, Lisboa



Na foto: Lopes-Graça com Manuel da Fonseca, José Gomes Ferreira e Jorge Reis, numa manifestação promovida pela CGTP-IP

A ÚLTIMA INTERVENÇÃO PÚBLICA

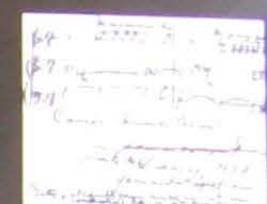
Em Outubro de 1994 Fernando Lopes-Graça apresenta em primeira audição absoluta a peça para piano "Preito" a Memória de Francisco Miguel, uma vida heróica".

O local é o Centro de Trabalho Vitória, do PCP.

Nas palavras do autor, trata-se de uma "homenagem aos nossos queridos mortos" que se estreia no "sítio adequado".

Que nesta homenagem seja individualizado especialmente Francisco Miguel constitui um último testemunho dos valores em que assenta toda a vida e obra de Fernando Lopes-Graça.

A homenagem a alguém cuja coragem e infatigável dedicação à causa da revolução são inseparáveis de uma forte e criativa sensibilidade, profundamente enraizada no povo a que pertencia. Homenagem prestada com linguagem universal da música, à qual Lopes-Graça acrescentou, de forma profundamente criadora, novas páginas, experiências, horizontes, emoções.



"Que o músico não tenha outros ideais e preocupações, além da música - eis aí o que é historicamente falso e moralmente monstruoso"

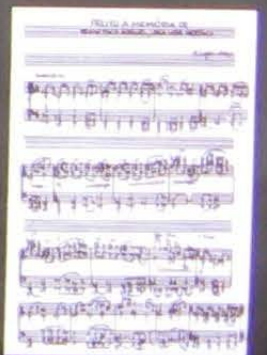
Lopes-Graça, 1935

A LUTA ANTIFASCISTA

Em 1940 é convidado a dirigir os Serviços de Música da Emissora Nacional, não chegando a tomar posse porque se recusa a assinar a declaração exigida então a todos os funcionários públicos.

Em 1945 integra o Movimento de Unidade Democrática (MUD) do qual virá a ser dirigente. Cria o Coro do Grupo Dramático Lisbonense, mais tarde Coro da Academia dos Amadores de Música. Por essa altura adere ao Partido Comunista Português, do qual será militante durante toda a sua vida.

A repressão por parte do regime fascista acentua-se: na década de 50 as orquestras nacionais são proibidas de interpretar as suas obras; os direitos de autor são-lhe roubados; é-lhe anulado o diploma de Professor do ensino particular e obrigado a abandonar a Academia dos Amadores de Música regressando apenas em 1972. Finalmente chega o dia da liberdade e Lopes-Graça desfila na impressionante manifestação do 1º de Maio, iniciando a sua participação entusiástica na luta pela defesa de Abril e dos seus ideais.



No momento em que se comemora o Centenário do nascimento do **Maestro Fernando Lopes-Graça**, a Associação de Municípios da Região de Setúbal e as Autarquias da Região não podiam deixar de se associar às múltiplas iniciativas que por todo o País celebram esta data.

Comemorar o Centenário do Nascimento de **Fernando Lopes-Graça** é recordar e homenagear o Homem, o intelectual, a sua intervenção pública, as suas ideias, a sua obra e, sobretudo, a figura ímpar da cultura portuguesa profundamente ligada ao povo português e às suas tradições.



Desde os anos 50 do século passado, são vários os registos da sua participação em eventos culturais realizados em vários concelhos do Distrito, é inevitável ver o seu nome associado a muitos equipamentos municipais ou na toponímia dos concelhos. Mas é sobretudo a sua ligação afectiva e profundamente humana com a população da Região que não se esquece e que se homenageia.

Estas comemorações, mais não constituem que um breve apontamento nesta permanente homenagem ao maestro de Abril.